

*Foi um trabalho que eu fiquei muito impactada por vários motivos mas principalmente porque me colocou uma condição dos invisíveis, daquilo que a gente não vê, daquilo que a gente imagina, das ficções... mas óbvio que pautadas pela realidade. Quando vem aquelas mulheres todas na direção do público que é uma barreira também, que tá colocado como barreira, como trincheira, como fronteira... quando elas começam a olhar o espaço que tá atrás do meu corpo e que eu não estou vendo e aquilo vai virando uma constante e eu começo a me incomodar. Aquele espaço começa a criar uma concretude, os invisíveis do espaço começam a gritar e a ficar maior do que eles são normalmente... e os invisíveis tem uma relação com a condição de ser um corpo de mulher no mundo... eu acho que um homem não entenderia o trabalho como uma mulher entende. Isso pode parecer uma bobagem de gênero mas não é, porque o trabalho me remeteu a situações de quando eu desço do ônibus à noite e eu não vejo todo o espaço ao meu redor mas eu ouço, estou atenta a tudo que acontece nele, porque ser uma mulher andando sozinha à noite que acabou de descer do ônibus é ser um alvo. O seu trabalho fala dessa condição, dessa sensação de um corpo que está em alerta, em um suposto perigo, que não é um perigo real, mas também não é tão irreal assim, tem um pouco de ficção, tem um pouco de neurose, tá tudo misturado mas é quase palpável. Foi isso que foi me dando, esse mesmo tipo de incômodo e foi muito foda quando as bailarinas começaram a lutar com esse espaço com esse imaginário... foi muito foda.*

*Eu fiquei lembrando de uma situação quando eu desci do ônibus uma vez, eu era bem novinha, tinha 18 anos, morava com a minha mãe, era o último ônibus da noite e eu tava vindo do cinema. A vila onde minha mãe mora é uma vila bem pequenininha no meio de várias vilas maiores, então quem desce naquele ponto de ônibus que eu desço mora naquela vila, não tem como morar em outro lugar. Eu lembro que eu tava chegando na casa da minha mãe e a luz da rua tinha acabado. Putz! Era tarde da noite, quase uma da madrugada. Putz! Tá sem luz, tá tudo escuro mas eu vou descer. E um cara desceu atrás de mim e eu pensei: que bom né?! pelo menos uma companhia. Eu quase que virei para ele pra perguntar se ele tava indo lá pra pracinha, porque eram dois quarteirões até a casa da minha mãe que é em frente à praça, pra eu acompanhar, pra pedir uma companhia... só que alguma coisa em mim fez eu não vou perguntar. Continue andando, ele sempre a dois passos atrás de mim. E aí essa coisa dele tá atrás de mim, ele sempre a dois passos atrás, ele, um outro corpo ali, como se tivesse um imã. Meu corpo andava o dele andava, meu corpo andava o dele andava. Eu tava tão ligada em tudo o que estava acontecendo, tava tão ligada... isso chama sistema háptico, depois eu fui saber. Isso é uma coisa que me interessa, como a gente aciona e como esse sistema é muito poderoso. Às vezes a gente sente que tem alguém olhando pra gente, mas nem sabe quem é, nem sabe por que... Eu tava tão ligada nesse cara que quando a gente foi chegando na pracinha é como se fosse uma clareira, vai abrindo, você vê a praça, as casas... e ele viu que ali tinha um pouco mais de iluminação. Eu senti quando ele começou a correr, eu escutei a areia embaixo do pé dele, areia do tênis dele chiar no chão... e foi por isso que eu me dei bem, porque quando ele veio pra cima de mim eu já tava olhando para trás, eu consegui me defender. Foi uma luta, a gente lutou, eu gritei muito, um vizinho abriu a janela, minha mãe escutou, minha mãe saiu correndo... eu lembro que eu já desci do ônibus com a chave na mão então eu bati nele com a chave que eu tava na mão e esse cara saiu correndo.*

*O trabalho me remeteu a todas as sensações que eu senti com essa abordagem. O meu sistema háptico ampliou no seu trabalho de uma tal maneira que eu comecei a sentir tudo o que estava envolta. Isso para mim foi mais importante que tudo, mais importante que a estética, mais importante que a música... o som eu amei aqueles tutututu, aqueles barulhinho que elas carregavam... demorei a entender, foi uma coisa tão legal porque fiquei um tempo sem entender, pensando de onde será que o som tá vindo... foi muito legal que saia dos corpos, corpos-bomba. Foi muito incrível, fechou um ano muito importante para mim, de me alinhar com várias mulheres, com vários pensamentos de mulheres... o G>E trouxe várias mulheres para falar no G>E de Peito Aberto... eu acho que tava rolando, tá rolando, bem forte esse movimento no mundo. Para mim eu engatei nessa coisa toda com as mulheres e acho que não tem volta. Espero que não tenha. Eu fiquei muito feliz de ver as minhas questões reverberarem nas tuas e você me devolver tanta coisa linda.*

Transcrição de áudio da artista Karlla Giroto sobre a abertura R/SCA  
no Lote/ Casa do Povo em Dezembro de 2017